



A Santa Sé

CONSISTÓRIO ORDINÁRIO PÚBLICO PARA A CRIAÇÃO DE 13 NOVOS CARDEAIS

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

Basílica de S. Pedro

Sábado, 28 de novembro de 2020

[Multimídia]

Jesus e os discípulos «iam a *caminho...*». A cena descrita pelo evangelista Marcos (10, 32-45) passa-se no caminho. E, no mesmo ambiente, se desenrola o percurso da Igreja: o caminho da vida, da história, que é história de salvação na medida em que o percorreremos *com Cristo*, rumo ao seu Mistério Pascal. À nossa frente, sempre temos Jerusalém. A Cruz e a Ressurreição pertencem à nossa história: são o nosso hoje, mas constituem sempre também a meta do nosso caminho.

Este texto do Evangelho já várias vezes acompanhou os Consistórios para a criação de novos Cardeais. Não é apenas o «pano de fundo», mas uma «indicação de percurso» para nós, que hoje estamos a caminho juntos com Jesus. Ele avança à nossa frente; é a força e o sentido da nossa vida e do nosso ministério.

Assim, amados irmãos, hoje cabe a nós medir-nos com esta Palavra evangélica.

Marcos destaca que, ao longo do caminho, os discípulos «estavam *espantados (...)* estavam *cheios de medo*» (10, 32). Mas porquê? Porque sabiam aquilo que os esperava em Jerusalém; intuíam-no; melhor, sabiam-no porque Jesus já lhes falara disso, abertamente, mais do que uma vez. O Senhor conhece o estado de ânimo daqueles que O seguem, e isso não O deixa indiferente. Jesus nunca abandona os seus amigos; jamais os transcura. Mesmo quando parece cortar a direito pelo seu caminho, sempre o faz *por nós*: tudo o que faz, fá-lo *por nós*, pela nossa salvação. E, neste caso específico dos Doze, fá-lo *para os preparar* para a provação, a fim de conseguirem estar *com Ele* agora e sobretudo depois, quando Jesus já não estiver no meio deles.

Para que estejam sempre *com Ele* e sigam *pelo seu caminho*.

Sabendo que o coração dos discípulos está turbado, Jesus chama aparte os Doze e diz-lhes «de novo (...) o que Lhe ia acontecer» (10, 32). Foi o que ouvimos: é o terceiro anúncio da sua paixão, morte e ressurreição. Este é *o caminho do Filho de Deus*, o *caminho do Servo do Senhor*. E Jesus *identifica-Se* de tal modo com esse caminho, que Ele próprio é este caminho: «Eu sou o caminho» (Jo 14, 6). Este caminho; e não outro.

E, neste ponto, sucede um imprevisto que agita a situação, permitindo a Jesus revelar a Tiago e a João – na realidade, porém, a todos os Apóstolos e a nós todos – o destino que os espera. Imaginemos a cena: depois de voltar a explicar o que Lhe deve acontecer em Jerusalém, Jesus fixa bem os Doze, olhos nos olhos, como se dissesse: «Está claro?» Em seguida, retoma o caminho à cabeça do grupo. Mas, do grupo, separam-se dois: Tiago e João. Aproximam-se de Jesus e exprimem-Lhe um desejo: «Concede-nos que, na tua glória, nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda» (10, 37). E este é *outro caminho*. Não é o caminho de Jesus; é outro. É o caminho de quem, talvez sem se dar conta sequer, se aproveita do Senhor para se promover a si mesmo; o caminho de quem – como diz São Paulo – procura os próprios interesses, e não os de Cristo (cf. Flp 2, 21). A propósito disto compôs Santo Agostinho aquele Discurso estupendo sobre os pastores (n. 46), que sempre nos faz bem reler no Ofício de Leituras.

Depois de ter ouvido Tiago e João, Jesus não Se descompõe, nem Se zanga; a sua paciência é verdadeiramente infinita! Também connosco, teve paciência, tem e terá... E responde: vós «não sabeis o que pedis» (10, 38). De certo modo desculpa-os, mas ao mesmo tempo censura-os: «Não vos dais conta de que estais *fora do caminho*». Com efeito, imediatamente depois serão os outros dez apóstolos a demonstrar, com a sua reação indignada contra os filhos de Zebedeu, como *todos* estivessem tentados a seguir *fora do caminho*.

Queridos irmãos, todos nós amamos Jesus, todos queremos segui-Lo, mas devemos estar sempre vigilantes para permanecer *no seu caminho*. Pois com os pés, com o corpo, podemos estar com Ele, mas o nosso coração pode estar longe e levar-nos para *fora do caminho*. Pensemos em tantos géneros de corrupção na vida sacerdotal. Assim, por exemplo, o vermelho purpúreo das vestes cardinalícias, que é a cor do sangue, pode tornar-se, para o espírito mundano, a cor duma distinção eminente. E deixarás de ser o pastor próximo do povo; sentir-te-ás apenas «a eminência». Quando sentires isto, estás fora do caminho.

Nesta narração evangélica, sempre impressiona o *contraste nítido entre Jesus e os discípulos*. Jesus sabe-o, conhece-o e suporta-o. Mas o contraste permanece: Ele, *no* caminho; os discípulos, *fora* do caminho. Dois percursos inconciliáveis. Na realidade, só o Senhor pode salvar os seus amigos desvairados, em risco de se perderem. Só a sua Cruz e a sua Ressurreição... Por eles, e por todos, Jesus sobe a Jerusalém. Por eles, e por todos, dividirá em pedaços o seu corpo

e derramará o seu sangue. Por eles, e por todos, ressuscitará dos mortos e, com o dom do Espírito, perdoar-lhes-á e transformá-los-á. Enfim encaminhá-los-á *pelo seu caminho*.

São Marcos – como aliás São Mateus e São Lucas – inseriram esta narração no próprio Evangelho, porque é uma Palavra que salva, uma Palavra necessária à Igreja de todos os tempos. Apesar da má figura que nela fazem os Doze, a mesma entrou no Cânon, porque *mostra a verdade* acerca de Jesus e de nós próprios. É uma palavra salutar também para nós hoje. Também nós, Papa e Cardeais, devemos espelhar-nos sempre nesta Palavra de verdade. É uma espada afiada: corta, é dolorosa, mas ao mesmo tempo cura-nos, liberta-nos, converte-nos. A conversão é precisamente isto: sair de *fora do caminho*, ir para *o caminho* de Deus.

Que o Espírito Santo nos dê, hoje e sempre, esta graça!